

## GEOGRAFIA E MODERNIDADE: TEMPO E ESPAÇO NUM TEMARIO SOLIDO

**Eliseo Savério Sposito**

**Professor do Departamento de Geografia Humana e Regional da Faculdade de Ciências Tecnologia. Câmpus de Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista**

### RESUMO

Este trabalho é resultado das reflexões sobre o que vários autores escreveram sobre o termo modernidade e suas comparações com o que pode pensar uma pessoa afeita ao temário geográfico. As discussões vão da totalidade ao individual, passando por diferentes determinações. Estão presentes os conceitos de espaço, tempo e sociedade com bases sólidas da modernidade e de suas contradições manifestadas no território e por suas bases filosóficas. Os autores citados (BERMAN, GIDDENS, BENJAMIN, ORTIZ, ROSSI, MATOS, ROUANET) não estão analisados profundamente, mas a partir de seus conceitos próprios de modernidade e de uma comparação superficial com as contradições entre o indivíduo e o coletivo a partir das modificações decurrentes da introdução do modo cartesiano.

Vou comarcar minha apresentação sobre o presente tema sembrando alguns autores, bastante o conceito de modernidade.

Marshall BERMAN (11) introduz o tema em seu livro “Tudo que é sólido desmancha no ar” dizendo:

“Existe un tipo de experiencia vital- experiência de tempo o espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida- que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje” (p. 5).

A esse conjunto de experiências, o referido autor designa como “modernidade”. E acrescenta: “ser moderno é encontrarse em um ambiente que promete aventura, poder, alegría, crescimento e autotransformação e transformação das coisas em redes, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade uma espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: elas nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegrado e mudança, de luta e contradição, ambigüidade e angustia”.

Eu gostaria de “retirar” o “espírito” de Indiana Jones da primeira parte da citação desse autor- pois que aventura não tem mais o lugar romântico e lúdico na vida moderna das pessoas –mas enfatizar los elementos indeléveis da modernidade que ele muito ben cita: as experiências de tempo o espaço, a transformação das coisas, o paradoxo da união-desunião da espécie humana, numa permanente contradição, mas mais particularmente os elementos geográficos em seu discurso: fronteiras, classe, nacionalidades, ideologia.

Um outro autor, Anthony GIDDENS (2) em seu livro “As consequências da modernidade” (1991), diz o seguinte:

“... ‘modernidade’ refer-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ultimamente se tornaram mais o menos mundiais em sua influência. Isso associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial...” (p. 11).

De maneira mais sucinta, este autor também lembra a organização social como básica para se entender a modernidade, determina um início para ela e a localiza geograficamente, antes que ele se “espalhe mundialmente. No entanto, acrescenta que associa-se ao período moderno, “descontinuidade específica ou o “conjunto de descontinuidade”, exemplificando pelo:

- 1) ritmo de mudança (óbvio quando se fala da tecnologia).
- 2) pelo escopo da mudança, que atinge toda a superfície da Terra; e
- 3) pela natureza intrínseca das instituições modernas, que não apareceram em períodos históricos precedentes; por exemplo, a noção de Estado- Nação e transformação productiva e trabalho em mercadoria.

Walter BENJAMIN (3), que não refletiu sobre a modernidade mas que escreveu sobre certos aspectos dentro da modernidade, interpretava que “gerou” a sua época baseando-se em três afirmações:

- 1) a modernidade, como ela se deu, representa o reino do mito e não o do descontentamento, porque o capitalismo submeteu a coletividade a uma espécie de “sono”, não conhecendo a história, pois a recebe como “como sempre igual e sempre novo”. Uma noção de tempo está implícita nessa afirmação.
- 2) Parafraseando ROUANET (4) quando este escreve sobre BENJAMIN, na “batalha esta razão e o mito, ele se coloca sem ambigüidade do lado da primeira”, pois instaura-se “uma nova relação com a natureza”. Assim, apesar do progresso ser representado como mito, a interpretação desse processo deve ser racional, pois “a razão deve tornar transitáveis todos os terrenos, limpando os arbustos da demência e do mito”, “abrindo caminhos”, diferenciando o mito da utopia e aceitando “sem dificuldades e inovação tecnológica”.
- 3) Não há, por parte de Benjamín, a “aceitação do mundo moderno como destino”, mas antes de tudo, há o desafiado ao “destino”, para tentar romper o “continuum”. (p.6.6-).

Em resumo: para Benjamín, o capitalismo diminuiu o papel da história para a coletividade, que (a história) pode ser desafiada para se provocar rupturas (e aqui está presente a noção de revolução, em sua origem marxista), porque a razão é fundamental para que isso ocorra.

Outro autor que utilizo para que tenhamos argumentos para discutir a modernidade, Renato ORTIZ (5), em sua obra: “Cultura e modernidad” (1991), acrescenta uma idéia mais totalizante: “a modernidad constitui um sistema no qual as partes são interligadas entre si”. Para ele, “à racionalidade da colectividade fruto do industrialismo”, deve-se acrescentar a noção de sistema, no qual “a regencia do tempo é essencial” para que “o fluxo no seu interior se faça de maneira ordenada”. (p. 242). Essa abstração se baseia em Benjamín, que já havia percebido que a “modernidade encontra-se ancorada num substrato material, sem o qual ela não poderia se expresar”. (p. 29).

Até este pontom, fiquei preescrutando algunos autores e o que eles entendem por modernidade. Mas faltou, até aquí, uma contatação que acho fundamental para nossa discussão: o papel da ciência e da filosofia.

Superando em seu sentido diléctico a filosofia medieval, as ideáis de Descartes e Galileu provocaram uma verdadeira revolução na maneira de se enxergar o mondo, a través de linhas, ángulos e pontos. Não cabe aqui reabrir processo inquisitório de Galieo, ms entender que seu papel foi decisivo na separação da ciência e seus fundamentos filosóficos e, na mesma razão, na dissolução da filosofia, levando á negligencia da busca do sentido da existência humana.

Ha uma “automação” da natureza, que ganha dimensões infinitas pela ampliação de noção do sosmos. O espaço amplia-se, seu silêncio apívora Pascal e Deus, que está em todas as coisas, ganha sua dimensão universal. A concepção moderna de Deus ultrapassa a “imagen e semelhança” do homen, tornando-o mais conceitual e mais complexa a fé.

A natureza passa a ter suas forças domesticadas porque não se interessa mais em saber por que o mundo existe, mas como ele funciona. No século XIX, Marx que atendeu e explicou a separação ente sujeito e objeto de trabalho, em suas teses sobre Fuerbacha, vai além, ao propor que ñão interessa mais apenas interpretar o mundo, e sim, transformá-lo. Essa tese carrega uma auto-determinação atñé então não asumida por nenhum outro pensador; a não ser coletivamente, quando ocorreu a Revolução Francesa, que modificou, na realidade, a apropiada dimensão de cidadanía, povo o Estado.

A ciência moderna, que se identifica como una forma de imperialismo, tem seus métodos e suas categorías desenvolvimos pelo homen contra ele próprio, a partir das fromas que o industrialismo utiliza para apropriação e transformação da natureza. A curiosidade para a realidade objetiva, que pode significar “saber é poder” (boconiano), mas também leva a crer que a “ação racionalmente dirigida significa desencanto do mundo” (6).

Estão, assim, solocadas as bases da modernidade, como a vemos hoje. Mas é necesario, neste ponto, centrar nossa discussão em torno da relação entre Geografía e modernidade. Parte as tendências recentes de discutir a modernidade em qualquer lugar ou por cualquier ángulo, não podemos nós, que estudamos Geografía ou, pelo menos, nos preocupamos com se temário, nos abster dessa questão.

Assim, vou centrar um pouco a atenção na palavra Geografia, cujo objeto vem sendo base de discussões intermináveis há dois séculos, fico com uma tendência cuja matriz situase no materialismo histórico, de aceitar como objeto da Geografia, a sociedade, sem a qual a natureza não teria sentido para ser estudada. Desde a Geografia “tradicional”, outras tendências existiram: aquela dizia que, para se aproximar das ciências, ela deveria ter uma linguagem matematizada, e enfim, aquela que diz que a Geografia tem por objeto o espaço, pois esten contém estrutura, forma, processo e função.

Observem que espaço e sociedade são dois conceitos muito presentes na Geografia. Se formos lembrar o que já foi dito anteriormente, esses dois conceitos elaborados sob óticas diferentes e por autores não geógrafos, compareceram nas discussões sobre modernidade, principalmente quando levamos em consideração a historicidade dos mesmos.

Com isso, posso dizer que o tema da modernidade está presente e deve ser estudado pela Pessoa que tem intimidade com o território geográfico, a tal ponto de, a propósito de provocação, afirmar que a Geografia e a modernidade vêm caminhando juntas por alguns séculos, e nós estamos demorando a enxergar sua inegável ligação.

Para comprovar esta afirmação, vejamos como GIDDENS (7) introduz as características da modernidade mais analítica:

1) idéia de que a história humana marcada por certas discontinuidades e não tem uma forma homogênea de desenvolvimento é demonstrada pelo fato de que “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos (?) os tipos tradicionais de orden social, de uma maneira que não tem precedentes, tanto em termos intencionais, estabelecendo “formas de interconexão social que cobriu o globo”, quanto em termos intencionais, alterando algumas “afirmações das mais íntimas e pessoais, características de nossa existência cotidiana”. (p. 13-14).

2) aparece necessariamente o confronto entre segurança x perigo, confiança x risco. Como? É claro para que qualquer um de nós que o trabalho industrial moderno tem consequências degradantes, mas isso podemos dizer hoje. Marx Weber e Durkheim que viram isso, não previram que o desenvolvimento das forças de produção teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente material. Por outro lado, a modernidade, ao invés de eliminar, abriga sistemas totalitários, que combinam “poder político, militar e ideológico”, de maneira mais concentrada do que foi possível antes da emergência do estado-nação, pois ela é “multidimensional no âmbito das instituições” (p. 21).

3) A relação tempo-espaço no mundo pré-moderno aparece sempre como uma circunscção de tempo e lugar (e geralmente imprecisa e variável). O relógio “expressava uma dimensão uniforme de tempo vazio, até que o relógio mecânico, no mundo moderno, correspondeu, de um lado “a uniformidade na organização social de tempo” (tempo da fábrica –tempo do

trabalho- produtividade por horas de atividade), mas que também serviu, com as possibilidades de aceleração da circulação –pessoas e mercadorias- e de outro lado, a articulação entre tempos diferentes no mesmo lugar, por agentes “ausentes” e “escondido” na forma visível (p. 27-28). A separação tempo- espaço é crucial para a modernidade porque é resultado do “desencaixe” entre as intuições e suas ações, que podem conectar o local e o global afetando rotineiramente a vida de milhões de pessoas e permitir diferentes interpretações e apropriações da história”.

4) as pessoas assumem certas atitudes de confiança para superar a noção de risco. Nunca o mundo esteve tão a perigo de uma catástrofe mundial como hoje; no entanto, as pessoas desenvolvem e adotam mecanismos que têm repercussão futura na sua própria segurança à distância por pessoas quase “ausentes”, determinam uma impessoalidade em seu consumo de energia, matéria prima, etc. assim, a “confiança está relacionada à ausência no tempo e no espaço” (p. 40) e vinculada às contingências e à fé em uma Pessoa ao sistema. A confiança existe porque as pessoas acreditam que “a atividade humana (...) é criada socialmente” e que esta é capaz de transformar coisas e coisas em coisas.

E isso se reveste do carácter de verdade, quando não temos condições de pensar uma sociedade moderna sem o capitalismo entendido como um “sistema de produção de mercadorias, centrado sobre a relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado como eixo principal de um sistema de classes” (p. 61) e sem o industrialismo, entendido como o “uso de fontes inanimadas de energia material na produção de bens, combinado ao papel central da maquinaria no processo de produção” (p.61), pois o sujeito econômico pressupõe homem e natureza numa relação mediada pelo trabalho. “As forças que voltam e condizem a moderna economia não podem ser compartimentalizados e separados da totalidade da vida” (BERMAN, p. 93)(8).

Essas afirmações que podem carregar a aparência e na essência das coisas. Assistir aos filmes *Koyaanisqatsi* (a natureza em desequilíbrio) e *Powaaqatsi* (a natureza em destruição) de Godfrey Reggio, é a possibilidade de se ter diante dos olhos a velocidade da criação e destruição das formas no espaço, principalmente no mundo urbano. Se tudo que é construído numa cidade (ruas, prédios, praças), é resultado do trabalho humano, e por isso tem valor, e ainda, é forma no espaço, condiciona qualquer outro tipo de construção na mesma parcela do território. Um edifício de vários andares é resultado de uma nova atitude perante a moradia: é a localização de forma densa, de pessoas, em um exíguo território, exigindo graus de confiança, de tolerância e de privacidade diferentes de antes da Revolução Industrial. Uma cidade contém fluxos de energia elétrica de difícil imaginação (nos postes, nas baterias dos carros, por exemplo), que foram concentrados, em nome do conforto e da necessidade da produção, em territórios pequenos e estão interligados num esquema que exige, necessariamente, a confiança das pessoas. Hoje ninguém admite viver sem energia elétrica da modernidade, cuja raiz pode ser buscada na Revolução Industrial: é o seu carácter de irreversibilidade.

Se formos buscar a irreversibilidade em suas conseqüências mais profundas, teremos que ir até o Renascimento quando, a partir da releitura dos gregos por alguns membros da Igreja Católica, revolucionou-se a forma de pensar: o universo se ampliou, e com ele a noção de Deus, (por Giordano Bruno): o universo é infinito e como Deus está em todas as partes Ele também é infinito: o universo, com Galileu e Descartes, pode ser “transformado em pontos, retas e ângulos”; os horizontes se expandiram da Europa para os outros continentes e o modo de vida ocidental foi ganhando amplitude cosmo política: a tradução da bíblia para o latim, e posteriormente para outras linguas, permitiu um entendimento mais humano de seus personagens, colocando-os com os pés no chão; se interessava mais por entender por que o mundo existe, mas sim por entender como ele funciona.

Essa transformação radical que fez emergir a importância no ser humano. É a fonte das transformações que geram a modernidade.

Nossa maneira cartesiana- e atua- de ler e produzir o mundo (não nos esqueçamos do capitalismo e do industrialismo) pode ser vista em cada ponto do território da cidade e do campo. Associada à velocidade que as ideais e as transformações foram adquirindo em escala acelerada, a modernidade está nas formas e nega essas formas, por que; se as produz, para produzir outras incentiva a sua destruição, dando a impressão de que o moderno envelhece bem depressa e se renova a cada “moda” em novas cores e novos personagens. Será que a História quando se repete, repete como farsa? Será, então que a modernidade é um repetir de farsas que, como Mefisto, vão ganhando as formas mais convenientes.

Não acredito que a História se faça assim tão simplistamente. É bom sempre desconfiar das máximas; aliás uma tradição geográfica é a invenção disseminação das máximas. Pelo contrário, a realidade é mais rica que a imaginação.

Acredito que o problema mais sério está em aceitar o novo, as novas ideias, deixando envelhecer o que deve ser superado, mas sendo o novo real/novo, revolucionário em seu sentido filosófico, a ponto de ver toda a criação do gênio a partir da constatação que está na nossa frente dioturnamente: a de que havia uma pedra no meio do caminho. Mas não se pode parar e achar que mais adiante não existam outras.

A busca da criação e da criatividade é um legado que a modernidade deixará por muito tempo. Basta superar “chaves” e não achar que é o modo capitalista de produção que explica tudo e todas as pessoas. Onde é que fica o indivíduo?

Rousseau disse que o homem nasce bom, mas a sociedade o perverte essa máxima? Será que o homem não nasce individualista, egoísta e com uma necessidade de autopreservação e para isso, é necessário eliminar os entraves, que na maioria das vezes, é o próprio semelhante? E quando se reúne em grupos, não é para garantir um modo de vida que a si interessa, em detrimento dos outros? Nietzsche disse que “a desigualdade de direitos é a

condição necessária para que os directos existam. Um directo é sempre um privilégio. Meu directo é parte do poder que outro me concede e me permite conservar; meu dever; os directos que outro me concede e me permite conservar; meu dever; os direitos que outros têm sobre mim”. (MATOS, 1992) (8). Exagerando, podemos dizer que a modernidade permite a verificação do papel do ser humano e de sua razão por vários ângulos e o ulterior questionamento de cada um desses ângulos.

Há mais de cem anos atrás. Marx disse que o capitalismo encerrava a pré-história da humanidade, e que a história se faria partir da implantação do comunismo. Eis um bom motivo para ser um iconoclasta: será que a pré-história da humanidade poder ser chamada de modernidade? A escala temporal, neste ponto, deve ser repensada em séculos e não em anos ou décadas.

Acho importante um redimensionamento também do ser humano. Uma andorinha sozinha não faz verão e um ativista sozinho não faz a revolução. A interpretação das pessoas como massa transforma cada indivíduo em farelo de pão. A individualidade, por mais egoísta que apareça na maioria das pessoas, não pode ser deixada de lado quando se pensa nas transformações necessárias para uma busca do melhor justiça social, a través da construção da moradia, da distribuição de rendimentos a través de melhores salários, etc. a dimensão do indivíduo, sem a minimização de importantes conhecimentos científicos acumulados pela humanidade, deve ser colocada no tempo e no espaço e encarada por vários ângulos.

Quanto o Barão de Haussmann reformulou o plano urbano de Paris no século passado, o fez em nome do Estado ou seu nome próprio? Quais as consequências da atitude individual de decisão maior em nome “do povo”, do “Estado”? a decisão de Juscelino Kubitschek, de construir Brasília foi resultado da visão capitalista, da crença em Dom Bosco ou da sua “teimosia minerária”? acho que não podemos esquecer do indivíduo, a pesar de, em momento nenhum, eu estar adrogando passar o apagador em tudo o que foi pensando até agora. Mas pelo menos temos que assumir uma coisa: não vamos nos esconder atrás das teorias para não ver as vontades, os sentimentos, as atitudes. Se isto não é científico, de que realidade a ciência se ocupa?

O poeta, sempre, está além e a frente do cientista. Já se disse que “havia uma pedra no meio do caminho” (10). Há algo mais geográfico do que ir.

“caminando contra o vento no sol de quase dezembro  
que se reparte em crimes espaçonaves, guerrilhas”? (11)

Não é geográfico saber que alguém

“subiu no patamar quatro paredes sólidas tijolo num  
desenho cínico e flutuou no ar como se fosse um bólido  
e morreu na contra-mão atrapalhado o tráfego”? (12)

A , modernidade, que separou tempo e espaço e os juntou em escala, dinâmica e velocidades diferentes, por uma sociedade de classes, apagou e criou fronteiras, deu uma outra noção de natureza, da qual a sociedade faz parte e o é, na realidade; é base do pensamento geográfico e, doravante, anho que assim seve ser estudada, porque, a pesar da carga positivista intensa na separação da ciência em disciplinas (bem disciplinadas), é necessário uma nova “revolução cartesiana” para que, a partir dos temas, seja buscada a superação de um tipo de especializações, para se chegar a uma forma superior de ciência, que não prescindia da filosofia em seu desenvolvimento.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

1. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
2. GIDDEENS, Anthony As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
3. BENJAMIN, Walter, Folha de São Paulo, 13/07/92, p. 6-4.
4. ROUANET, Sérgio Paulo. Folha de São Paulo, 13/07/92, p. 6-4.
5. ORTIZ, Rento. Cultura e modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1991.
6. ROSSI, Paolo. A Ciência e a filosofia dos modernos. São Paulo, 1992.
7. GIDDENS, op. Cit.
8. BERMAN, op. Cit.
9. MATOS, Olgaria. Folha de São Paulo, 12/07/92, p. 6-5.
10. Do Poema “No meio al caminho” de Carlos Drummond de Andrade.
11. Da canção “Alegria y alegría” de Caetano Veloso, de 1967.
12. Da canção “construção”, de Chico Buarque de Holanda, de 1971.